CASO EU MORRA, PROMETO NÃO TE LEVAR COMIGO



FRANCISCO RAMAI

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

CASO EU MORRA, PROMETO NÃO TE LEVAR COMIGO



FRANCISCO RAMAI

caso eu morra, prometo não te levar comigo

francisco ramai

caso eu morra,
prometo não te levar comigo

romance
obra independente
primeira edição
2021

DIAGRAMAÇÃO
ramai
CORREÇÃO
ramai
EDIÇÃO
ramai
ARTE DA CAPA
erick saraiva
FINALIZAÇÃO DA CAPA
ramai
OBRA INDEPENDENTE
direitos reservados

é PROÍBIDA a COMERCIALIZAÇÃO
digital ou física deste livro sem autorização prévia

"quanto mal já fiz
pra não ser santo?"
(felipe santzu)

sumário

0. prólogo

sexta-feira | o susto

1. o susto
2. a compreensão do susto
3. a aceitação do susto
4. a resolução do susto
5. o suspiro que sucede o susto

sábado | a chácara

6. a chegada
7. o dia seguinte
8. a fuga
9. o fim

0. prólogo

*

Pra cada notícia de que alguém rodou, significa que outras nove pessoas estão fazendo a mesma coisa e nunca vão rodar. (Rodar, pra quem não sabe, é ser descoberto). Foi mal o palavreado, é que sou do interior. Eu nasci numa cidade que o nome dela é Sousa. Ela fica no interior da Paraíba, que é interior do nordeste, que é interior do Brasil, que é um país de terceiro mundo.

Se você nasce no Brasil, é muito fácil dar pra gente ruim. (Dar pra gente ruim quer dizer entrar no mal caminho). E se você nasce no interior do interior do interior do Brasil, é muito muito muito fácil dar pra gente ruim. Tem que ser um cara muito foda pra não ser ruim. Ou então muito otário, perdão a franqueza. Aqui, se você não passa a perna em ninguém, todo mundo passa a perna em você.

Mas fora um desgosto aqui e ali, gosto muito daqui. Amo esse lugar. Se você for um brasileiro esperto, dá até pra viver sem medo. O pessoal fala que não dá pra sair na rua à noite, mas pô, é teoricamente simples: é só sempre ter alguma coisa pro bandido. Quem é que não sabe disso? Por isso sempre ando com meu celularzinho do roubo no bolso. Vou tranquilo pra onde quiser, sem medo de nada. Se alguém me assaltar, entrego. O ladrão vai embora, eu vou embora, vida que segue. Fácil, né?

Mas o que aconteceu comigo foi inevitável. Inesperado. Um conjunto sequencial dos piores desdobramentos possíveis. Tristeza que só o amor conseguiu apaziguar. E tudo começou pela burrice que fiz de esquecer de sair de casa com o celularzinho velho pra dar pro assaltante.

sexta-feira:
o susto

1. O susto

Era tipo nove da noite quando eu decidi ir lá na conveniência de Seu Chagas comprar uma cervejinha. Existe a pequena possibilidade de que eu já estivesse razoavelmente bêbado, mas nada fora do comum. A média ponderada de embriaguez para um brasileiro médio numa noite de sexta.

Não havia preocupação aparente: a conveniência ficava na rua por trás da minha casa, e todo mundo me conhece por aqui. Digo mais: ninguém rouba na porta de casa. Quem mora aqui no bairro, vai roubar lá longe. E quem mora lá longe, vai roubar onde tem gente rica. Roubar aqui é muita burrice. Mas foi assim que tudo começou: com burrice. E impulso.

Vou te contar: eu desci as escadas, (morava no primeiro andar de um apartamento para universitários, mas não era universitário), e saí pela rua, com vinte reais no bolso e muita vontade de ficar bêbado até dormir. A rua estava escura e vazia, mas nenhuma novidade pra uma cidade pequena depois das nove da noite. Assim que virei a esquina, aqueles dois apareceram numa moto. Pararam do meu lado me

assustando, e um deles desceu, anunciando o assalto. Pediu meu celular, me chamou de vagabundo e partiu pra cima de mim com a mão dentro da cintura, como quem quisesse demonstrar estar armado.

Tipo, eu sei que pareço ingênuo, sou meio nerd e tal, mas não é pra tanto. Cresci por aí. Passo muito tempo no computador, mas tô pelas ruas também. Deu pra ver que ele não tinha nada na cintura. Na hora eu percebi que eram dois trombadinhas. (Trombadinha, pra quem não sabe, é tipo um ladrãozinho, de rua, iniciante). Enfim: num impulso que não entendo até hoje, eu respondi ao anúncio de assalto empurrando o trombadinha de volta pra rua. Dei, com uma força que não tenho, uma cotovelada no pescoço dele. Nenhum de nós esperava essa reação. Eles não souberam como reagir. Eu fui burro em fazer isso, mas eles foram mais burros do que eu. O cara que sofreu a cotovelada caiu no asfalto, na frente da moto. O piloto, num susto, acelerou. Passou por cima da cabeça do amigo, deu um grito de pavor e foi embora, em alta velocidade, sem olhar pra trás. Quase caiu no chão, mas nesse quesito tive sorte.

E o que eu fiz? Sei lá! Eu uma vez quase desmaiei vendo um amigo furar a orelha. Não suporto ver sangue. A cabeça dele se espalhou pra todo lado. No asfalto, na calçada, em mim. O mais certo a se fazer naquela hora, era ter ficado lá. Chamado a polícia. Explicado o que aconteceu. De uma forma ou de outra minha vida nunca mais iria ser a mesma. Eu iria ser preso por homicídio culposo, pegar alguns anos, acho que alguns meses, ficar bem comportado, sair, e tava tudo certo. Bola pra frente. Eu pensei nisso na hora. Mas também pensei que na cadeia deve fazer calor pra caralho, e eu sou muito calorento. E o que será que os outros presos vão fazer comigo? E se tiver algum amigo desse cara lá dentro? O que eu faço? Então tomei a decisão mais brasileira que qualquer brasileiro tomaria: corri.

*

Fiz merda. Mas fiz uma merda que qualquer um no meu lugar faria. Se um dia isso virar pauta pública, sei que vai ter muita gente ao meu lado. Mas também vai ter muita gente ao lado do cara. Eu confesso que fico um pouco ao lado dele. Existem vários acontecimentos anteriores que levaram ele a precisar assaltar. Mas também não fico totalmente do lado dele. Com certeza existe por aí

gente com a vida bem pior que a dele e que não precisou tirar de inocentes. (Se bem que não sou mais tão inocente, né?). Mas pensando do meu lado, eu nunca fiz mal a ninguém. Bom, teoricamente não. Mais ou menos. Fisicamente não… Falando desse caso em específico, foi completamente sem querer. Eu não tinha nada pra perder, mas se eu desse a eles tudo que eu tinha, ou seja, vinte reais e um pedido de desculpas, a chance deles me darem um tiro, caso estivessem cheirados, coisa que é bastante provável, era relativamente grande.

Eu pensei nisso tudo enquanto corria pra casa. Apavorado. Chorando. Segurando o grito. Mas minha vontade mesmo era de gritar. De voltar lá, abraçar o corpo dele, pedir perdão. Fazer respiração boca a boca nele. Mas aí lembrei que ele nem tinha mais boca, e comecei a chorar com muito mais força.

Eu cheguei em casa rápido. Subi as escadas rápido. Tranquei a porta rápido. Me tranquei no banheiro rápido. Lavei o rosto rápido. E devagarinho, que nem em filme, eu fui deslizando, nu, pela parede do chuveiro ligado. Fiquei tomando banho sentado no chão, chorando, aparentemente pelo resto da vida. Depois de coisa de meia hora, eu me acalmei e decidi ser racional. Me levantei e me enxuguei. Tentei vestir a cueca, mas tava tudo encharcado. Fui no quarto, soluçando e engolindo o choro, e vesti uma roupa. Depois fiz um chá e me sentei na mesa da cozinha. Fiquei lá, pensando.

No interior, não se faz nada escondido. Todo mundo sabe tudo. Todo mundo vê tudo que acontece. Porque a gente meio que não tem muita coisa pra fazer. Então existia uma grande possibilidade de que alguém tivesse visto o que aconteceu. Eu, devido ao pânico, não me lembro de ter visto ninguém. Mas caso tenha acontecido, esse alguém sabe quem são os assaltantes, quem são os pais dos assaltantes, com quem os assaltantes já namoraram, e sabem também até o último fio de cabelo da minha história. Então é questão de tempo pra que a cidade toda saiba de tudo o que aconteceu. Não existe a possibilidade de que passe em branco. Nesse exato momento a rua deve estar lotada. No interior, as pessoas se empolgam com tragédia. Tragédia vira espetáculo. Estão filmando, tirando fotos, espalhando para todo mundo. Um homicídio numa cidade pequena é quase um carnaval. O pessoal até se arruma pra ir fofocar. Essas horas, a polícia já chegou. A ambulância já chegou. Já cercaram o corpo. Se o brasileiro fosse honesto, nesse momento alguém já teria dito tudo o que aconteceu. Mas nesse quesito também tive sorte: aqui todo mundo prefere não se envolver. Esse pensamento me aliviou um pouco. Posso descartar essa possibilidade. Mas meu alívio foi cortado quando a campainha tocou.

*

Continuei em silêncio por um tempo. Por mais que tivesse plena noção de que tinha conhecido o fundo do poço, sentia no fundo do peito uma vontade gigante de que fosse engano. Em anos e anos de terapia com psicólogo e psiquiatra, as duas únicas coisas que aprendi, foram: a) custa muito caro ser curado; b) quando se sofre com ansiedade, tudo que você fizer com agitação, será feito errado. A melhor forma de lidar comigo é reprimir o nervosismo e mentir pra mim mesmo alegando calma.

Permaneci tomando meu chá de camomila com hortelã. Ainda em silêncio, respirando fundo. Com a tranquilidade de um traficante de filme americano. Com o passar dos segundos ninguém chamou novamente, e comecei a querer um pouco de chance de que realmente não fosse ninguém. Para alguém ansioso como eu, segurar a onda nos primeiros segundos que sucedem algum choque é extremamente importante. Se você mantém a calma na hora do choque, consegue manter a calma depois. É tudo uma questão de saber lidar com a própria mente.

Infelizmente a campainha tocou de novo, e tomei um susto tão grande que derramei o chá quente em cima de mim. Nunca segurei tanto um grito de dor na minha vida. Na hora, me levantei e comecei a caminhar, sem falar nada. Mordi o dedo com força pra tentar segurar o grito, mas aí fiquei com a queimadura e o dedo doendo. Pensei seriamente em pular por alguma janela, mas todas elas tinham grade. O sentimento de não ter pra onde correr é um dos mais angustiantes que se pode sentir. Pensei também em não atender, mas mesmo que eles, quem quer sejam, fossem embora, eu não conseguiria ficar em casa sabendo da possibilidade de alguém entrar aqui a qualquer momento. Iria surtar, com certeza. A única saída era atender a porta e ficar a mercê da vida. Pelo menos era a única saída que dava tempo de pensar. Antes de ir até a porta, fui primeiro na cozinha, pegar uma faca. Depois fui até a porta com a faca na mão, e antes de abrir, escondi na parte de trás do meu short. Não escutei nenhum murmúrio do lado de lá, então deduzi que não teria mais que uma pessoa. Quem quer que esteja lá, já deve ter visto a sombra dos meus pés pela frecha da porta. Não há mais o que fazer. Fiquei tentando criar coragem de olhar pelo olho mágico. Respirei fundo, pus a mão na maçaneta, e decidi devolver a faca para a cozinha. Caso seja a polícia, vai pegar muito mal pra mim.

Guardei a faca e voltei, dessa vez decidido. Se for mesmo a polícia, digo o que aconteceu. Posso dar a sorte de ser Eduardo, um PM que é um conhecido de infância. Ele vai entender e talvez até passe pano pra mim. (Passar pano, pra quem não sabe, é acobertar o

erro de alguém por sentir afeto por essa pessoa). Se não for Eduardo, ok. Me entrego assim mesmo. Não tem mais o que fazer. Não tem pra onde fugir. Se for alguém que não conheço, vou suspeitar que seja algum amigo do trombadinha, nesse caso eu abro a porta rápido e jogo ele pela escada. Já tô fodido mesmo… me fodo logo de vez. Enfim: fui até a porta, e com o coração na mão, olhei pelo olho mágico: era Ananda.

1. A compreensão do susto

*

Nessa vida eu só me apaixonei uma vez, pra sempre. por Ananda. Ela foi a maior sorte que tive. A primeira vez que a gente se viu, tínhamos uns oito anos. Foi num açougue que fica na rua dos meus pais. Ela comprou quatro buchadas pré-prontas, e eu achei ela tão perfeita que esqueci o que tinha ido comprar. Levei um quilo de patinho amaciado pra bife, e quando cheguei em casa meu pai me deu uns gritos e mandou ir devolver a carne e trazer um frango inteiro sem miolo. Seu Edmilton, o dono do açougue, me deu outra bronca, mas fez a troca. Minha sorte foi que deu tempo de ver qual era a rua da casa dela, aí eu só precisei virar amigo dos meninos daquela rua, pra pegar o MSN dela com alguém. A chegada dela sempre foi a melhor notícia da minha vida, por isso eu senti um alívio gigantesco quando vi o rosto dela pelo vidro do olho mágico.

Abri a porta apressado e puxei ela pelo braço, depois bati a porta e tranquei. Ela segurava uma sacola gordurosa, aparentemente de salgados comprados na lanchonete de dona Edileuza. Fiquei tentando estudar o rosto dela. Tentei observar alguma expressão de desprezo, de pavor, de alívio, ela parecia não entender nada. Ficou me olhando de volta, com cara de confusa.

“Que foi? Perdeu o cu na minha cara?”

“An?”, respondi.

“Que foi que tá me olhando com essa cara de bunda? E o que foi isso no seu dedo? E essa roupa molhada?”

Fiquei calado, olhando pra ela.

“Que foi, Maurício? Oxe.”

“O quê?”

“Eu chego aqui, você demora um século pra atender, vi sua sombra aparecer e sumir da porta umas três vezes. Aí você me puxa pra dentro e fica me olhando com essa cara de merda. Quem é que você não queria que me visse entrar?”

“Mas é que eu pensei…”

“E esse short todo molhado? Que merda foi essa?”

Não consegui responder nada. Fui andando até a mesa, me sentei. Ela com a mão na cintura, P da vida.

“Não vai falar nada, Maurício?”

“Como é que tá lá fora?”

“Como assim como é que tá lá fora?”, nessa hora ela falou com um tom mais calmo, depois que percebeu que realmente havia algo de errado comigo.

*

“Como é que tá lá fora, Ananda? Eles tão falando de mim?”

“Eles quem, Mauricio? O que foi que aconteceu?” Ela foi até mim, sentou ao meu lado, colocou a sacola na mesa e pôs a mão no meu rosto. “O que é que tá acontecendo? Fala comigo… você tá muito esquisito.”

“Aquele acidente lá fora, Ananda. Você não viu?”, eu comecei a chorar.

“Eu vi que tinha umas pessoas ali na outra rua, mas não fui lá não. O que aconteceu?”, ela pegou minha cabeça e trouxe ao peito. A dor que eu sentia perdeu uma parcela de peso.

“Foi sem querer, eu juro. Eu não tive culpa…”, as palavras saíam tremendo da minha boca, “Foi um assalto!”

“Meu Jesus amado, você foi assaltado? O que levaram?”

“Não levaram nada… Eram dois caras numa moto. Um desceu anunciando o assalto, o outro ficou na moto. Eu levei um susto, dei um empurrão no assaltante, que caiu no chão. O cara que tava pilotando teve um susto e acelerou, passou por cima da cabeça do amigo. A cabeça dele esmagou, Ananda. Na minha frente. E o amigo foi embora.”

“Puta que pariu, Maurício.", o tom dela era de preocupação, não de raiva. “E o que você fez?”

“Eu corri, né? Ia fazer o quê?”

“Caralho, Maurício…”, ela falou, quase sussurrando pra si mesmo. Segurava meu rosto, mas olhava pro chão.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Ela soltou meu rosto e pôs a mão no meu coração, no intuito de verificar os batimentos.

“Alguém te viu?”

“Não sei, não tinha ninguém na rua. Tava tudo vazio. Eu tava indo lá em seu Chagas, levei só o dinheiro pra comprar cerveja, até o celular deixei em casa.”

“E aquele celular velhinho que você diz que é do assaltante?”

“Eu esqueci, Ananda. Como eu ia imaginar uma coisa dessas?”

“Caralho”, ela falou bufando.

“Como é que tava lá fora?”

“Isso foi em qual esquina?”

“Em frente a casa de Dona Malena.”

“Eu vim pelo outro lado, de carro. Vi que tinha algumas pessoas na outra esquina mesmo, mas nem quis ir lá.”

Ficamos em silêncio por mais um tempo. Ela pegou a sacola e abriu.

“Come uma coxinha.”

“Ananda, eu preciso ir embora.”

*

“Como assim ir embora, Maurício? Tá doido? Pra onde?”

“Não posso ficar aqui, Ananda. Eu matei uma pessoa, vou ser preso.” Me levantei e comecei a andar de um lado pro outro. “Preciso fugir, ou então me entregar. Mas de qualquer forma não posso fazer nada hoje. Indeciso, assustado. Preciso me acalmar, e pra me acalmar tenho que tá longe daqui.”

“Ah, pelo amor de Deus, não começa com seus dramas, Maurício. Você reagiu a um assalto, a polícia vai entender. Claro que não vai ser preso. Não é legítima defesa o nome disso?”

“É, mas e se nesse movimento envolvendo a polícia, eles descobrirem meu dinheiro?”

Ah, esse é um detalhezinho pequeno que esqueci de mencionar: eu me sustentava falsificando dinheiro, e as notas ficavam no meu

apartamento.

“Merda… é verdade.”

“Alguém te viu entrar aqui?”

“Não sei, acho que não. Todos os apartamentos estavam fechados.”

“Você precisa ir pra casa, Ananda. Não pode se meter nisso. Finja que não sabe de nada, que a última vez que me viu foi ontem, e não falou comigo hoje a noite.”

“Para de falar bosta, menino. Eu não vou deixar você sozinho não. Mesmo que descubram do dinheiro, isso dá o quê? Estelionato? No Brasil? Nem preso você vai. E você precisa se acalmar. Vem, senta aqui.” Me sentei novamente. Ela segurou nos meus ombros, olhou no meu olho.

“Vamos lá, né?”

“Para, Ananda. Não vem com essa besteira não, pô.”

“Você precisa fazer a respiração, Maurício. É rápido, não custa nada. Bora”

Concordei revirando os olhos. Ela queria que a gente fizesse uma pausa pra três respirações profundas, coisa indicada por minha terapeuta.

“Um”

Inspirei todo o ar que consegui, segurei por um tempo e soltei.

“Dois”

Repeti o processo.

“Três”

Obedeci novamente.

“Tá mais calmo?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Agora pensa direitinho, Mau. Como você vai sair daqui? Vai colocar o dinheiro todo dentro de uma mala? E sair daqui? Com a polícia ali na esquina? Sem contar com as pessoas, aqui em Sousa, todo mundo vai querer saber pra onde você tá indo. E vão te chamar pra ir ver o acidente.”

“Esse trimestre a gente fez notas altas. Cabe tudo numa mochila.”

“E você acha que consegue sair sem demonstrar que tá nervoso?”

“Eu preciso. Fodeu demais, Ananda. Se eu ficar eles acham o dinheiro, se eu sair pelo menos tenho uma chance de sumir. Só sei que preciso decidir isso logo. Podem bater na porta qualquer hora.”

1. A aceitação do susto

*

Respirei fundo, bem mais fundo do que as outras três respirações,

e me levantei da mesa.

“Pra onde você vai?”, ela perguntou.

“Vou arrumar a mochila.”

“Mas Mau… você precisa pensar com calma. Senta aqui, vai? Vamos pensar com lucidez...”

“Tudo bem, Ananda. Mas se no final do nosso pensamento lúcido a resposta for fugir, eu já vou estar com a mochila pronta.”

Meu apartamento tem dois quartos, um banheiro, e uma sala junto à cozinha. Um dos quartos, uso pra trabalhar. Fui até ele e Ananda veio junto. Eu guardava o dinheiro escancaradamente nas gavetas de uma cômoda. Essa foi uma das maiores e únicas falhas no meu crime perfeito: eu ficava tão longe de qualquer suspeita, que nunca imaginei que um dia alguém poderia suspeitar. Por isso não me preocupava em esconder direito. Peguei a mochila e comecei a colocar as notas dentro. Os rolos amarrados em ligas amarelas eram notas falsas, e em ligas laranjas eram notas reais. Notas de dez e vinte. Sempre notas baixas, pra não levantar suspeitas. Mas mais pra frente eu explico direitinho cada detalhe de como rolava meu esquema.

“Antes de qualquer coisa, a gente precisa imaginar todas as situações possíveis”, Ananda disse. Eu respondi com um murmúrio que significava pra ela continuar falando, e continuei guardando as notas. “Caso a polícia apareça aqui, qual motivo ela teria pra revistar sua casa, se eles viriam pela suspeita de um homicídio culposo?”

Eu parei por um momento, pensei.

“Até que faz sentido.”

“Pois é.”

“Mas não posso arriscar… mesmo que prisão por estelionato não dê em muita coisa no Brasil, se eu for pego, o meu esquema acaba. Fora a vergonha de todo mundo descobrir. E duas condenações ao mesmo tempo podem pesar uma na outra, eu acho.”

Quando terminei de falar isso, caiu um pouco a ficha de tudo que acabou de acontecer, e senti um desespero inusitado. Uma sensação estranha. Pânico misturado com empolgação. No fundo do fundo, por mais que eu só consiga admitir agora, naquele dia eu fiquei um pouco animado com o fato de finalmente acontecer alguma coisa empolgante na minha vida. Sei que soa estranho isso, vindo de um cara que vivia falsificando dinheiro. Mas depois você vai entender. Faço isso há tantos anos que se tornou algo automático, fácil. Não me dava mais emoção. E eu até então estava muito bem com isso.

*

“Meu deus Maurício, mas você sabe que se você fugir e for pego vai piorar mais ainda sua situação, né?”

“Como assim?”

“Pensa, velho. Os dois crimes que você cometeu são leves, de pena pequena. Se você se entregar e colaborar direitinho, pode ser que as coisas fiquem fáceis."

“Fáceis, Ananda? A cidade toda sabendo que eu falsifico dinheiro, eu correndo o risco de ser preso, do amigo do cara que matei vir atrás de mim, e você pensa que as coisas vão ficar fáceis? E eu vou viver do quê depois disso?”

“Mas e se você fugir, complicar ainda mais as coisas, e ainda assim for pego e descoberto?”

“Ótimo, você acabou de me dar a resposta.”

“Como?”

“Se eu ficar, de uma forma ou de outra, sou pego. Mas se eu fugir, tenho uma pequena chance de não ser.”

“Mas e se eles vierem e não revistarem a casa? E mais importante ainda: e se eles não vierem?”

“Ananda, se eu fugir e eles não vierem, eu volto. Se eles vierem, eu simplesmente não tava em casa, tava em outro lugar. Posso até usar esse outro lugar de álibi, sei lá. Só sei que a única saída que consigo pensar agora é fugir.”

“E se na hora que você sair eles já souberem de você, te pararem por causa do que aconteceu lá fora, e acabarem pegando a mochila?”

“Meu bem, eu te amo. Mas não posso ficar em casa. Você sabe disso. Se eu for pego, serei. Não tem muito o que fazer, só tentar.”

“Se você vai, eu vou contigo.”

“Não, você não vai.”

“Sim, eu vou. Um casal sempre é menos suspeito que um maluco com cara de doido que nem você sozinho andando na rua essa hora da noite com uma mochila.”

“Não posso te meter nisso, Ananda.”

“Primeiro: você faria o mesmo por mim. Segundo: tá fazendo tempestade em copo d’água. Isso não vai dar em nada, mas se você vai se sentir mais calmo indo embora, então vamos. Primeiro eu pego a mochila e saio no carro, sozinha. Se alguém me abordar lá fora, digo que vim aqui no prédio pra ver Camila, e não falei contigo hoje porque a gente brigou. A gente realmente não se falou hoje, então não tem conversa pra provar o contrário. Enquanto isso você fica aqui e espera quinze minutos. Se eles aparecerem aqui nesse tempo, pelo menos você vai estar sem prova. Depois você desce sozinho, sem mochila, e me encontra lá na esquina do lado oposto de onde o

pessoal tá. Vou ficar te esperando no carro."

4. A resolução do susto

*

Ficamos em silêncio por alguns segundos e depois conversamos mais um pouco. No final das contas decidimos executar o plano de Ananda. Coloquei todo o dinheiro dentro da mochila e entreguei pra ela. Quinze mil reais ao todo, contando com as notas falsas. Escondemos as notas dentro de uma almofada e pusemos a almofada dentro da mochila, e caso alguém abrisse, a gente diria que era pra proteger o notebook, que também tava indo na bolsa. Não peguei nenhum pertence nem nenhuma roupa, só o dinheiro e o notebook como desculpa. Estávamos tão aperreados que nem lembramos de pegar o carregador. (Ficar aperreado, pra quem não sabe, é o mesmo que ficar nervoso).

Ananda pôs a mochila nas costas e caminhou em direção à porta. Dei um beijo de despedida nela e tudo ficou, por um instante, levemente mais confortável. Aí ela saiu e tudo ficou caótico novamente.

Pela primeira vez na vida, eu conseguia escutar os batimentos do meu coração. Eu só precisava esperar por quinze minutos. Quinze minutos. E tudo iria dar certo. Ou errado. Ou não iria acontecer nada. Mas se bem que não acontecer nada nesse caso é o mesmo que dar certo. Só sei que eu sentia um misto de insegurança, ebriedade, raiva e empolgação. No fundo do fundo, acreditava que ela tava certa, que eu tava fazendo tempestade em copo d'água e que tudo iria ficar bem, mas só de pensar na pequena possibilidade remota do pior acontecer, o meu corpo tremia todinho.

Senti o tempo de duas horas, mas o cronômetro mostrava que só três minutos tinham passado. Foi quando lembrei de me livrar da

roupa que eu usava na hora da tragédia. Isso iria ocupar minha mente, e ainda seria uma possível prova a menos pra uma possível revista. Fui andando até o banheiro e peguei as roupas no chão. Estavam encharcadas. Levei elas até o box e espremi. Fiquei vendo a água escorrer e pensando em como me livrar daquilo. Um mosquito pousou na minha perna e matei ele com um tapa. Limpei o sangue com as roupas e saí do banheiro. Uma cueca, um short de nylon e uma camiseta. "Não posso deixar no lixo, seria muito óbvio. Também não posso jogar pela janela." Comecei a andar pela casa com as roupas na mão e a pensar na possibilidade da polícia bater na minha porta naquele exato momento. Isso me deu um pânico absurdo. Passei a pensar, enquanto zanzava pela casa, nesse instante em que vivia. O instante mais frágil que acontece entre uma coisa e outra. Como os minutos de abastecimento de dinheiro numa lotérica. "Já sei, fogo!", pensei em voz alta e corri pra cozinha. Joguei as roupas dentro da pia, peguei uma garrafa de álcool e encharquei elas. Depois peguei uma caixa de fósforo, acendi um e joguei por cima. Nessa hora, vendo subir uma chama alta na minha frente, percebi a burrice que tinha feito. E nessa hora o meu celular tocou. Era Ananda. Já tinham se passado trinta minutos.

*

"Ananda?"

"Vem rápido, Maurício."

"Pelo amor de Deus, Ananda. Eu fiz merda."

"Depois a gente chora, caralho. Mas você precisa vir logo. Eu tô parada dentro do carro, com a porra dessas notas. Tem gente em todo lugar. Não posso ficar parada aqui, Maurício.", ela falava alto e com raiva, mas sussurrando.

"Eu fiz merda, Ananda."

"Eu sei, caralho."

"Não, eu fiz outra merda. Não posso falar agora." E desliguei. Joguei o celular em cima da mesa da sala e corri de volta pro banheiro. Peguei um balde no caminho, coloquei embaixo do chuveiro e deixei encher. As luzes em dramáticos tons laranjas entravam no banheiro fazendo meu desespero aumentar. Se fosse um filme de Tarantino, a fotografia seria perfeita. Mas na vida real era uma merda. No fundo do meu desespero ouvi meu celular tocando novamente, e

saí correndo pra atender. O fogo tinha aumentado, e começou a pegar no armário da cozinha, que era de madeira. Quer dizer, madeira não, MDF. Mas isso não importa. Eu não conseguia acreditar no que tava acontecendo. Se fosse um sonho, acredito que meu cérebro não teria criatividade o suficiente pra criar uma história dessas. Peguei o celular na mesa e atendi, olhando o fogo.

"Maurício, seu filho da puta, desce logo, caralho!"

"Já tô indo", e desliguei. Joguei o celular de volta na mesa e corri pro banheiro. Peguei o balde cheio e corri pra cozinha, sem desligar o chuveiro. Na hora que fui passar pela porta do banheiro, bati meu ombro na parede e caí no chão, junto com o balde. Do chão, com a barriga encostada na água que derramou, olhei pra cima e vi o resto da poça escorrendo na cozinha, em contraste com o fogo se espalhando. Me levantei, mancando. Com muita dor no calcanhar direito e no ombro. Comecei a chorar, me sentindo a pessoa mais ridícula desse planeta. Tentei correr, mas não consegui. Na primeira passada meu calcanhar doeu. A dor era como se pisasse numa agulha. Fui andando o mais rápido que podia, abri a geladeira e peguei uma garrafa d'água. Deixei a geladeira aberta e fui mancando em direção ao fogo. Tentei abrir a garrafa, mas a tampa não queria sair, então apoiei a garrafa na minha coxa e usei minha camisa pra ajudar a forçar. Deu certo. Despejei o líquido em direção ao fogo, que não surtiu muito efeito. A chama abriu ao meio e logo se juntou novamente, e nessa hora eu vi a torneira. Só nesse momento me lembrei que esse tempo todo eu só precisaria ter ligado a torneira na hora que a chama começou. Senti um ódio tão grande de mim que pensei em me atirar nas chamas. Comecei a chorar e morder meu dedo segurando o grito. Mas percebi que não adiantava mais me desesperar. Que o desespero era meu pior inimigo. E tentei me acalmar, enquanto um lado meu, um lado que odeio e convivo desde que nasci, me convencia a me manter desesperado. Comecei a fazer os três respiros, na frente do fogo. Inspirei uma vez, fechei o olho, esperei alguns segundos, e expirei. Inspirei outra vez, fechei o olho, esperei mais alguns segundos, e expirei. Inspirei pela terceira vez, repeti o procedimento, e finalizei expirando. Abri o olho, razoavelmente mais calmo, e pensei: "Ok, agora que merda eu faço pra acabar com isso?". Foi quando me dei conta que o fogo não sairia da cozinha, porque não havia ponto de ligação entre a cozinha e o resto do apartamento. Decidi ir embora e deixar o fogo lá, quando a campainha tocou novamente.

*

"Maurício, abre essa porta.", era a voz de Ananda. Gritando, mas

sussurrando. Eu abri, mas não deixei ela entrar. Deixei só uma brecha aberta, e passei por ela. Tranquei rápido e puxei ela pelo braço, caminhando pra sair do prédio.

“Que cheiro de queimado é esse?”

“Depois eu explico. Vamos embora”

Íamos conversando e andando.

“Você tava fumando, Maurício?”

“Não, meu Deus. Vem logo”

“Eu tô indo, mas você tava fumando, Maurício?”, a gente ía andando depressa, conversando entre dentes.”

“Não tava fumando, Ananda, meu Deus.”

“E que cheiro de fumaça é esse? Eu te esperando até agora pra você fumar? Sério?”

Viramos o corredor e chegamos nas escadas. Eram dois lances, e então chegaríamos no portão.

“Eu te explico no carro”

Ela revirou o olho e respirou fundo. Descemos as escadas do prédio, andando depressa. Chegamos no portão. Eu engatei a chave, mas percebi que estava aberto. Abri e saímos andando pela rua, apressados, e depois de uns passos ela me puxou pelo braço como se me pedisse pra andar mais devagar.

“Calma, não vamos andar desesperados.”

Tinha gente pra todo lado na rua, mas dava pra notar que grande parte das pessoas já tinha ido embora. A concentração estava toda na esquina, e a gente andava na direção oposta à concentração.

“Cadê o carro?”, perguntei.

“Tá lá no mesmo lugar.”

"Pra quê você saiu dele?”

“Pra saber o que tinha acontecido contigo.”

E ficamos em silêncio até chegar no carro. Tivemos sorte de não aparecer ninguém pra conversar. Eu não tive coragem de olhar pra trás, mas deduzi que naquela hora já tinham retirado o corpo, por isso grande parte das pessoas já tinham ido pra casa, com uma imagem horrível na cabeça e uma história pra contar amanhã na calçada de casa pros vizinhos. Quando saímos do meu prédio, viramos na direção oposta à esquina rápido, mas deu pra ver de relance as luzes vermelho e azul da polícia e da ambulância na outra esquina. Dava pra ouvir as pessoas murmurando, e no fundo dos murmúrios, uma mulher chorava, gritando alto, histérica e triste. Deduzi que era a mãe do cara que matei, e senti uma pontada no estômago. Até então não tinha parado pra pensar que o cara que morreu tentando me assaltar tinha uma mãe. Um pai. Possivelmente uma irmã, sei lá. Melhores amigos. Bons momentos. Tudo isso passava na minha cabeça como batidas.

Depois de alguns segundos chegamos no carro. Ananda entrou no

lado do motorista e eu fiquei esperando ela destravar a porta. Ela se acomodou na poltrona, ligou o carro, e ouvi o clique da porta destravando. Nós agíamos devagar, fingindo calma. Quer dizer, eu fingia. Acho que ela tava calma mesmo. Tentei abrir a porta, mas não abriu. Ela destravou novamente. Dessa vez deu certo. Entrei no carro e me sentei. Ela engatou a primeira marcha e começou a dirigir.

5. O suspiro que sucede o susto

*

Abaixamos os vidros e ficamos em silêncio durante os primeiros segundos da viagem. Eu me relaxei no banco e soltei um suspiro que misturava cansaço com alívio. O som ligou automaticamente junto com o carro, e a rádio tocava uma música eletrônica. Pelo retrovisor dava pra ver a mochila, encostada no banco do passageiro. Ela percebeu pra onde eu tava olhando, e soltou uma piada:

“É o nosso filho, né?”

Eu dei uma risada triste, e continuamos em silêncio por mais algum tempo, mas a música eletrônica junto com o barulho da rua e do vento entrando dentro do carro preenchiam o silêncio. Pus a mão na coxa dela e desliguei o rádio.

“Agora você pode me dizer porquê demorou pra descer?”, ela perguntou, num tom de voz calmo. Fiquei pensando em como ela muda de humor rápido, e em como sempre que algo acontece na minha vida, inclusive durante essa conversa, tem uma voz no fundo da minha cabeça pensando numa coisa diferente. Acho que nunca fiquei focado completamente em algo.

“É uma longa história, mas o que importa é que deu tudo certo, eu acho…”

“Pode me contar, né? Temos bastante tempo. Aliás, falando em tempo, pra onde a gente tá indo?”

“Não faço a menor ideia.”

“E você vai me contar ou não?”

“O apartamento pegou fogo.”

Ela ficou em silêncio, deu uma risada pequena de ironia.

“Pelo menos é a primeira vez que você faz uma piada hoje.”

“Pior que não tô brincando,” eu sorri de canto da boca, “Eu fui tentar me livrar das roupas que estava usando e acabou pegando fogo no armário da cozinha.”

“Puta que pariu, Mauricio. Aquele armário custou os olhos da cara.”

“Ah, claro. Como se meu maior problema fosse esse, né?”, quando acabei de falar isso, olhei pra mochila de relance.

“Mas pra quê você foi fazer isso?”

"Eu sei lá, Ananda. Quis me livrar daquilo. Aí fiquei distraído.", nessa hora passamos por um casal discutindo num banco de praça.

"E como você apagou o fogo?"

Fiquei em silêncio.

"Responde, menino."

"Na verdade eu percebi que o fogo não tinha como sair da cozinha, aí aceitei que perdi o armário e saí de lá."

"Você deixou o apartamento pegando fogo, Maurício?"

"O que é que eu poderia fazer?"

"Você tirou a geladeira da tomada, pelo menos?"

"Eu não, acho até que a geladeira ficou aberta."

"Sabe que pode dar um curto-circuito, né? Se o fogo pegar na tomada."

"Será?"

"E também você sabe que agora os bombeiros vão ser obrigados a irem no apartamento, né?"

Foi a primeira vez que tinha pensado naquilo.

*

"Mas tanto faz. Não tem mais nada pra encontrar por lá."

"É, mas vamos supor que os bombeiros precisem arrombar a porta por causa do incêndio. Quando entrarem lá, vão ver que a causa de tudo foi uma roupa que você tentou tocar fogo. E se alguém tiver visto o que aconteceu e falar da roupa, vão ligar uma com a outra, né?"

"Mas você acha que vai dar pra reconhecer a roupa?"

"Sei lá. Não entendo de incêndios". Ela continuava dirigindo em linha reta pela principal que corta a cidade. A gente passava pelo centro. As lojas estavam fechadas e as ruas vazias. Só uma ou outra pessoa, de vez em quando, surgia, indo a pé, com medo, pra algum lugar. Quando tem notícia de assassinato em cidade pequena, todo mundo se assusta. Se tranca. Cria folclore.

"Caralho, caralho, caralho, caralho." Eu comecei a dar socos fracos na minha cabeça. "Que merda que aconteceu. E agora? Será que a gente vai precisar voltar?"

"Pra subir lá e fazer o quê?"

"Tentar pegar a roupa."

"Você passou esse tempo todo tentando apagar o incêndio e não conseguiu, a gente volta lá e vai conseguir como?"

"Ananda, meu Deus. Eu não sei."

Ela direcionou o carro para o acostamento, parou, e fez um retorno.

"Você tá voltando?"

"Tô."

“Tem certeza?”
“Não.”
E começamos a fazer o caminho de volta, mas por causa da contramão, iríamos precisar passar pela esquina onde tudo aconteceu. Não falamos nada um ao outro, mas quase instantâneamente nós dois engolimos a seco, e passamos em silêncio pelas poucas ruas. Fiquei pensando se seria melhor esconder a mochila pela rua antes de passar por lá e voltar, mas não quis falar isso com ela. Só queria que esse desespero todo acabasse. Encostar minha cabeça em algum lugar e me sentir seguro e escondido.
Chegamos na rua do assalto, e de longe dava pra ver uma ou outra pessoa curiando por lá. (Curiar, pra quem não sabe, é o mesmo que fofocar), fizemos a curva na esquina. Tinha uma marca estranha de sangue no chão que mais parecia vômito. Tentei identificar a mãe dele, mas não consegui. E pensei em como a gente ter voltado foi uma idéia horrível. Aquele desespero todo pra sair, e agora estamos no mesmo lugar, correndo o risco de não precisar nem ter saído.
Quando viramos a esquina, deu pra ver o meu prédio. A fumaça saía pela janela. O foco das pessoas mudou pra lá. Várias delas na calçada, interditada pelos bombeiros, que estavam com o carro parado lá na frente. Nós passamos pela rua, e em silêncio, subimos os vidros e fomos embora.

*

“Pra onde a gente vai?”, ela perguntou.
“Eu só quero deitar em algum lugar e fingir por algumas horas que nada disso tá acontecendo."
“Pra isso precisamos encontrar algum lugar.”
“Precisa ser onde não haja a menor possibilidade de que me procurem por hoje.”
“Então não pode ser minha casa, nem a dos seus pais, ou dos meus.”
“E de algum amigo?”
“Aí a gente estaria envolvendo eles nessa história, melhor não.”
“Então vamos sair da cidade.”
“É uma boa.”
“Ir em algum motel?”
“No motel vão pedir nossas identidades.”

“Mas acho que em pousada também.”

“Será que importa em algo eles terem nossa identidade?”

“Se a polícia ficar te procurando, sim, né?”

“Só se a pessoa que trabalha no motel ficar sabendo e denunciar, né? Mas de qualquer forma, é melhor encontrar algum lugar que dê pra ficar completamente sossegado. Se houver a menor possibilidade de alguém encontrar a gente, eu não vou conseguir ficar quieto.”

“Já sei! A chácara de Gustavo, meu primo.”

“Será que não tem ninguém lá?”

“Certeza que não, eles viajaram.”

“E o caseiro?”

“Osvaldo não tem nem celular, ele com certeza não tá sabendo de nada que aconteceu. Não tem o menor perigo.”

“Acho que é uma boa então.”

E ela começou a dirigir em direção à chácara. Saímos da cidade e pegamos a BR. Nessa hora comecei a me sentir um pouco mais calmo, sabia que pelo menos por enquanto, nada de ruim iria acontecer. Algumas horas de sossego confirmadas. Conectei meu celular no rádio e pus um lo-fi pra tocar. Coloquei novamente a mão na coxa dela, fiquei fazendo um carinho. Nós deixamos os vidros fechados e ligamos o ar-condicionado. Tudo parecia, novamente, cena de filme.

sábado:
a chácara

6. A chegada

*

Depois de meia hora na BR, entramos numa estrada de terra. O carro chacoalhando nos buracos e a gente se sacudindo lá dentro. A mochila, no banco de trás, caiu no chão. Peguei ela e trouxe pra mim. Abri o zíper e olhei dentro. Vi a almofada amarela cheia de dinheiro, afofando meu notebook preto. Toquei na almofada só pra sentir a textura dos rolos, e depois fechei novamente. A estrada que pegamos era cercada de mato seco e árvores sem folhas, junto com alguns troncos pretos de árvores que foram queimadas muito tempo atrás. Tudo isso sendo escondido, gradativamente, pelo escuro. Abri a janela pra sentir o ar puro, e subiu uma catinga de bicho morto dentro do carro. (Catinga, pra quem não sabe, é o mesmo que fedor). Reclamamos do mal cheiro e subimos o vidro novamente. Até que era tranquilizante essa cena. Eu e Ananda, dentro de um carro, climatizado, ao redor da mata do sertão, ouvindo lo-fi, com uma mochila cheia de dinheiro. Se trocasse o lo-fi por blues e eu tivesse uma pistola, estaríamos num filme de faroeste.

Passou um tempinho na estrada e já dava pra ver a chácara de longe. Chegamos na entrada e buzinamos, na espera do caseiro. Ele não demorou pra atender. Deu um grito num tom de quem estava sendo incomodado.

“Quem é e o que quer?”

“Sou eu, Osvaldo. Ananda.”

“A filha de seu Braguinha?”

“É!”

Ele abriu o portão automático, que fez um estrondo no silêncio. Era um homem do mato. Negro, barba branca, cabelo liso e branco, mas mal cuidado e grande. Pele queimada do sol. Vestia um short de nylon e uma camisa de vereador. Segurava uma doze na mão, como se fosse um copo d´água.

“Gustavo num tá aqui não, Anandinha. Nem em Sousa eles tão. Viajaram.”

“Eu sei, Osvaldo. Mas a gente veio dormir aqui. Já falei com ele.”

“Então tá bom. Podem entrar. Eu vou ali pegar a chave da casa e volto jajá, cês pode sentar por aí.”

E saiu, foi nos fundos da chácara, na casinha onde mora sozinho. Nos sentamos nas cadeiras de sol que ficavam ao lado da piscina suja e ficamos em silêncio. O portão ainda aberto. Minha tranquilidade toda foi embora quando vi Osvaldo. Não apenas por ele portar uma calibre doze como se fosse um copo d'água, mas por ser outra pessoa que não Ananda. Fiquei pensando se ele sabia do que aconteceu. Se o cara que morreu é parente ou amigo de um parente e ele vai usar aquela doze pra me vingar. Mas fiquei na minha. A probabilidade era mínima. A lógica era de que ele não sabe de nada que acontece na

cidade, a não ser que alguma filha ligue, o que é difícil de acontecer. Ou que ele vá à cidade, o que é mais difícil ainda.

Osvaldo voltou depois de uns cinco minutos e entregou a chave nas mãos de Ananda. Disse umas coisas, pediu desculpa pela casa suja. Ela disse que não se preocupasse. Nós pegamos a chave e entramos na casa. Fomos direto pro quarto de Gustavo. Ela entrou no banheiro pra tomar um banho, e eu deitei pra esperar. Liguei o ar-condicionado, a TV, e fiquei tentando não pensar em nada. Peguei meu celular, tinha nove chamadas perdidas. Todas dos meus vizinhos e dos meus pais. Vários áudios da minha mãe no whatsapp. Todos avisando que o apartamento pegou fogo. Em nenhum ela demonstrava preocupação comigo. Isso me tranquilizou. Me fez notar que ninguém suspeitava de que algo ruim tivesse acontecido ou que eu tivesse envolvimento com aquela morte. As pessoas talvez só estivessem pensando que eu não estava em casa. Mandei uma mensagem pra minha mãe dizendo que já tinha ficado sabendo, que estava indo pra casa. Desliguei o celular, e antes de Ananda sair do banheiro eu já tinha apagado.

*

Tive um sono agitado. Ficava numa linha tênue entre estar acordado e dormindo, e na única vez que caí num sono mais profundo, tive um pesadelo onde vivíamos no faroeste, a cidade fazia um protesto contra minha vida e o prefeito colocava minha cabeça à prêmio.

Levantei muito cedo, com a luz do sol na minha cara, escapando pela que esquecemos com aberta. Ananda dormia, envolvida no edredom como se fosse uma lagarta dentro do casulo. Dei um beijo na testa dela e saí do quarto. O silêncio na manhã de um sítio faz parecer que nada de ruim acontece no mundo. Fui lá fora e vi Osvaldo limpando a piscina. Ele me viu e murmurou um bom dia sério. Eu respondi e voltei pra dentro.

Fui pra cozinha e preparei um café da manhã com o que tinha em casa. Meus pensamentos estavam cada vez mais acelerados. Ía cozinhando e pensando no que fazer, como fazer, se fazer. Se era seguro ficar na chácara, se era preciso fugir pra mais longe, se era mais certo voltar pra casa. No meio dessa paranóia toda, Ananda acordou. Veio com cara de sono e me deu um beijo. Perguntou como eu tava, eu tentei me segurar. A gente sentou e começou a comer omelete com café e iogurte. Ela gritou para Osvaldo vir comer com a gente, e ele até recusou, mas não resistiu à persistência e veio até nós. Sentou na mesa, encheu um copo americano de café preto, botou uma omelete no prato e começou a comer com a mão. Sempre que eu olhava pra ele, ele tava olhando pra mim. Fiquei matutando se ele sabia de algo, mas era difícil ter certeza. (Ah, matutar, pra quem não

sabe, é refletir).

“E as coisas, Osvaldo? Como vão?”, Ananda puxou assunto.

“Tão indo, minha filha”, ele falava arrastado, grosso, cansado. “Complicado...”

“E aconteceu alguma coisa, foi?”

“Dinheiro tá sempre ruim, né? As coisas ficando caras. Mas teve um negócio aí. Cês sabe daquele menino que morreu ontem?”

A gente se olhou e olhou pra ele de novo.

“Ele é afilhado de uma irmã minha. Ficou tão mal a bichinha, quando soube o que aconteceu...”

Ficamos em silêncio. Ele ficou também. Olhava pra baixo, tirava pedaços da omelete com as mãos e comia. Depois continuou falando, sem se importar muito se a gente prestava atenção. Acho que no fundo ele só queria mesmo falar algo pra um ser vivo que não seja uma galinha ou uma vaca.

“Ele morreu do quê, Osvaldo?”, eu perguntei. Minha voz saiu meio desafinada.

“Mataram, rapaz. Ele tava dando pra gente ruim, sabe? Envolvido com droga. Deve ter sido vingança, cobrança, sei lá. Coisa boa é que ele não fez pra fazerem isso com ele. Esmagataram a cabeça do menino. Coisa mais triste do mundo.”

A gente ficou em silêncio. Um galo cantava, bem de longe. Eu vi na cara de Ananda que ela queria perguntar a mesma coisa que eu, mas nenhum de nós dois teve coragem ou dissimulação pra isso. A sorte foi que Osvaldo deu a resposta, mais pra ele do que pra gente.

“E ninguém nem sabe quem foi ou qual razão de ter feito isso com o menino. Né de ficar triste?”, ele levantou o olhar pra gente. “Mas vou fazer o quê, né? É a vida. Eu vou cuidar que tenho o que fazer. Vocês fiquem a vontade aí!”, a gente respondeu um “até mais” meio rugido e ele se levantou. Saiu andando com a omelete na mão. Quando virou de costas, deu pra ver o revólver que ele levava na parte de trás da calça jeans.

*

Ananda, de pálida, beirou a transparência. Eu comecei a escutar as batidas do meu coração de novo. Ficamos olhando um pro outro, esperando Osvaldo passar pela porta. Em silêncio. Um silêncio alto e pesado. Um galo cantou novamente. Osvaldo gritou, lá de fora, direcionando as galinhas pra algum lugar.

"Puta que pariu, Maurício"

Eu não disse nada.

"E agora, o que a gente faz?", ela continuou. Falando baixinho, sussurrando aflita.

"Vamos embora daqui, né?", eu respondi. Cutucava minha omelete com o garfo, sem fome.

"Embora? Tá doido? Temos uma oportunidade dessas nas nossas mãos."

"Oportunidade?"

"A gente pode usar seu Osvaldo pra criar um álibi pra gente"

"Álibi? Que conversa é essa, Ananda?"

"Sim, Maurício. A gente senta pra conversar com ele, dá um jeito de perguntar se ele sabia que horas eram quando a gente chegou aqui, e a gente pode convencer ele de que chegamos antes, e que a gente tava aqui na hora que...", ela não sabia como falar que eu matei alguém, então interrompi:

"Que aconteceu aquela coisa."

"Uhum, aquela coisa."

"É, pois é."

"Mas precisamos fazer isso o mais rápido possível."

"Ananda, eu não vou ter sangue frio pra isso. Vou ficar nervoso, me tremendo. Eu já tô. Eu preciso ir pra longe dele o mais rápido que puder."

Ela deu um suspiro de raiva, revirou um pouco os olhos. Por mais compreensiva que Ananda seja, entendo que às vezes é cansativo lidar comigo. Fico aflito todo dia, toda hora, em qualquer situação. Numa situação assim é ainda pior. Dramática, incomum. Ela tentando me ajudar e eu atrapalhando a gente.

Ficamos em silêncio novamente. Eu toquei no meu coração pra sentir como ele estava, e era como se eu estivesse dirigindo um carro e o acelerador tivesse ficado preso lá no final. Ela percebeu, e colocou a mão no meu coração também, por cima da minha.

Ananda tem, por algum motivo, um efeito sedativo em mim. Uma espécie de conforto que só existe no toque de uma mãe ou de um amor sereno como o nosso. Eu pus minha outra mão por cima da mão dela, e ficamos naquela posição: eu tocando meu coração, Ananda tocando minha mão, e eu tocando a mão dela. Mas era como se nós dois tocássemos no meu coração, que, implicitamente, sabíamos ser o maior inimigo da nossa pequena fuga. Nesse momento, ouvindo Osvaldo gritar com as galinhas e sentindo cair a ficha do que aconteceu da noite anterior até aquela manhã, comecei a chorar, de novo.

7. O dia seguinte

*

"Calma, meu bem", ela levou minha cabeça até o ombro, me apertou. "Deixa pra pensar depois que as coisas se resolverem."

"E se não se resolverem?"

"Maurício, olha pra mim: você só precisa não pensar demais. Tá bom?", ela pegou meu rosto com as mãos, levou até perto do dela, quase encostando um nariz no outro. Concordei com a cabeça e respirei fundo, num suspiro com soluço.

"Sabe que só precisa controlar os pensamentos, né? Quanto mais você pensar, mais vai criar problemas, e mais vai ficar difícil sair deles."

"Uhum, eu sei", respirei fundo de novo, engoli o choro.

"Vamos fazer as três respirações?"

"Não, relaxa. Eu tô bem."

"Mas vamos mesmo assim… pra ficar ainda mais calmo."

"Tudo bem."

Inspirei fundo, segurei o ar por alguns segundos, soprei.

Inspirei novamente, segurei um pouco, soprei.

Inspirei pela terceira vez, segurei por mais tempo que das outras vezes, e soprei.

"Tá mais calmo?"

"Tô sim."

"Vamos fazer assim: agora vou chamar ele pra almoçar com a gente, pra garantir que ele vai estar aqui, e você sai pra comprar o almoço. Enquanto isso, eu converso com ele sozinha. Quando você voltar, a gente almoça, e fica tudo resolvido."

"É, acho que pode ser. Mas e se alguém na cidade me ver?"

"Maurício, seja realista, sem paranóias. Você não está sendo foragido."

"Mas tem os vizinhos. Lembra que meu apartamento pegou fogo, né?", ela deu um tapinha na própria testa, como quem diz que tinha esquecido de um detalhe importante.

"Puta que pariu, é mesmo. Você tem alguma notícia de lá?"

"Todo mundo me ligou a noite toda. Eu mandei mensagem pra minha mãe, dizendo que estava sabendo e que ía pra casa. Ela mandou vários áudios, mas todos falando do incêndio, nenhum sobre morte ou sobre me procurarem."

“Menos mal, né? Acho que ninguém sabe de nada então. Tá vendo? Pode ficar tranquilo.”

“É, talvez. Você acha que eu devo passar na frente do apartamento e ver como tá?”

“Não vai adiantar. Acho que só dá pra saber por dentro. Lá fora não vai ter mais nada rolando.”

“Uhum.”

“Então vamos fazer isso mesmo? Você vai comprar o almoço e eu falo com ele?”

“Uhum.”

Ela me deu um beijo na bochecha, eu dei outro na bochecha dela. Ficamos brincando assim, batalhando entre bochechas, esfregando um o rosto no outro. Eu dei um sorriso triste, ela disse pra eu me animar que ía ficar tudo bem, e me deu a chave do carro dela. Eu saí andando, perguntei a Osvaldo onde tinha restaurante aqui perto, ele disse que num posto. Me indicou a direção, abriu o portão pra mim e me ajudou a tirar o carro. Eu segui minha missão, sem conseguir olhar nos olhos dele.

*

Saí pelo silêncio da estrada de terra. Sem registro nenhum de algum ser humano por perto. Só o barulho do carro passando por cima das pedras, que voavam e batiam no piso. Decidi ligar o rádio pra me distrair, e liguei o celular pra abrir um podcast. Fui dirigindo e mexendo no celular, devagarinho. Demorou muito pra ligar. Ativei a internet e me surpreendi com o sinal, que estava ótimo. Haviam mensagens acumuladas como nunca houve na vida. Conectei o telefone ao rádio, e no lugar de ouvir um podcast, comecei a ouvir os áudios de minha mãe, que dava no mesmo. Ela mandou vários. Parecia sentir mais raiva do que preocupação, pra minha surpresa e alívio. Disse que estava no meu apartamento, que estava esperando por mim, que tinha queimado todo o conjunto de vasilhas que ela me deu quando saí de casa, (acho que ela sentia mais raiva por isso do que por eu não estar respondendo), e reclamava muito do meu desmantelo. (Ser desmantelado, pra quem não sabe, é ser desorganizado, preguiçoso.), só sei que nessa parte do desmantelo, ela mencionou que tinha até roupa queimada em cima da pia. Entendi que ninguém tinha suspeitado de nada sobre as roupas, e fiquei aliviado. Pelos áudios de minha mãe, tudo indicava que estava mesmo tudo bem. Pelo incrível que pareça, ao menos pra mim, meu nome tinha passado em branco em relação ao assassinato. Quando terminei de ouvir os áudios, já estava na BR, andei um pouco e encontrei o posto, estacionei e desci pra comprar o almoço.

Pedi três marmitas e sentei pra esperar. Um cara que deveria ter uns 50 anos preparava meu pedido, enquanto um cara mais jovem ficava no caixa. Sempre que olhava pra esse cara do caixa, ele tava olhando pra mim. Isso começou a me incomodar. Comecei a tentar reconhecer no rosto dele traços do motorista, mas não conseguia identificar nada. Na verdade, me lembrei que o motorista usava um capacete fechado, com uma viseira espelhada. Lembrar dele me fez lembrar do episódio, a imagem da cabeça do cara se esmagando veio na minha mente e meu coração começou a palpitar. Pra minha sorte não demorou muito, e eu peguei o almoço. Fui até o caixa pagar, que acompanhou o meu caminhar com os olhos. Dei bom dia, ele só balançou com a cabeça. Peguei as marmitas e saí.

Entrei no carro e fiquei tentando apaziguar minha mente. Ok, Maurício, você sabe que está exagerando. Ele só estava olhando pra você porquê você estava olhando pra ele e não tinha mais ninguém no restaurante. Sem paranóias. Pus as marmitas no banco do passageiro e segui viagem. O caminho de volta foi mais rápido, e depois que a paranóia do caixa passou, eu fiquei mais leve. Pela primeira vez em muitas horas tinha um pouco de percepção de que tudo poderia ficar bem em breve, por mais que ainda me soasse repulsiva a idéia de não saber com exatidão sobre meu futuro próximo. De qualquer modo, não demorei pra chegar na chácara novamente. Chegando lá, o portão tinha ficado aberto, o que achei estranho. Entrei direto com o carro, e quase caí com ele dentro da piscina quando vi Osvaldo em pé, apontando uma pistola pra cabeça de Ananda, sentada numa cadeira de sol ao lado da piscina com as mãos amarradas e a boca vedada com um pano.

*

Era uma imagem que não fazia o menor sentido. Eu desci do carro com as mãos levantadas na altura dos ombros, e fui andando devagar até eles.

“Pode ir parando aí, filho da puta do caralho”, Osvaldo disse com muita raiva. Eu fiquei ainda mais confuso.

“O que… O… O que… O que tá aconte, acontecendo, Os-Osvaldo?”

“Dê mais um passo, seu bosta, que eu deixo a cabeça dessa puta do mesmo jeito que você deixou a cabeça do meu irmão”, nessa hora, mesmo com ódio, Osvaldo começou a chorar. Enxugou as lágrimas com uma mão, enquanto a outra apontava o revólver pra Ananda, que olhava pra mim, envolvida num pânico silencioso.

“Co-como assim seu ir-mão, Os-Osvaldo?”

“Aquele que você matou ontem, seu merda. Sabe o cara que você empurrou? Ontem? Não era afilhado da minha irmã, não. Era meu irmão, seu arrombado. E quem tava dirigindo era eu”, ele falava e chorava. “O pior de tudo, seu bosta, é que você não matou ele, você me fez matar ele. Caralho, eu passei por cima da cabeça do meu irmão!”, enquanto ele falava, pressionava gradativamente com mais força a pistola na cabeça de Ananda. “E ainda vieram se esconder de tudo no meu sítio, puta que pariu. Eu tô te explicando, seu merda, e agora vocês dois vão morrer. E depois eu vou morrer também. E todo mundo aqui vai se encontrar no inferno. E chegando no inferno, eu vou fazer vocês sofrerem até não conseguir mais.”

De repente ele parou de falar e apertou o gatilho. Naquele instante, naquele milésimo de segundo, eu vi o dedo dele se mover devagar no gatilho. E antes de ouvir o estalo, fechei os olhos. Quando fechei os olhos, minha vida acabou. Meu mundo, mesmo que eu sobrevivesse, tinha acabado ali. E fiquei mais assustado do que aliviado quando notei que o estalo era mais baixo do que se esperava: o revólver falhou.

Ananda, quando ouviu o revólver falhar e se perceber viva, fez o que se espera de uma mulher perfeita como ela: se salvou. Empurrou Osvaldo, que caiu na piscina. Seu corpo caiu na água, o revólver no chão. Na hora da queda, disparou um tiro que acertou o ar. Ela correu, com os braços amarrados e a boca vedada, em direção ao portão aberto. Olhando pra mim e apontando pra lá, como quem dizia pra correr também. Mas pela primeira vez nessa história, desobedeci Ananda. Corri em direção à Osvaldo, que se debatia buscando equilíbrio na água, demonstrando não saber nadar. Eu peguei o revólver e Ananda parou, no portão, tentando gritar pra que eu não fizesse aquilo. Eu, que sempre fui tomado pela emoção muito mais do que pela razão, não cheguei sequer a refletir: dei quatro tiros em Osvaldo. Saíram os dois primeiros. Os outros dois falharam. Por sorte ou azar do destino. Deu pra ver a piscina ficar vermelha, enquanto o corpo dele agonizava aquáticamente. Eu, ainda me tremendo envolto ao ódio, por alguma razão que até hoje desconheço, consegui abrir aquele negócio onde ficam as balas do revólver, e posicionei a única que tinha na direção certa. Dei o último tiro, na direção dele, que se debateu, pela última vez, antes de afundar na água por alguns segundos e depois começar a boiar. Olhei pra Ananda,

que estava parada, imóvel, ao lado do portão aberto, assustada como nunca vi antes. E por mais que apavorado, me senti satisfeito: a culpa de tudo era do homem morto nas piscina. As galinhas do sítio debatiam eufóricas.

8. A fuga

*

Ananda e eu nos olhamos com medo. Corri até ela, tentei tirar o nó da corda em suas mãos. Não consegui. Peguei ela pelo braço e corremos pra cozinha. Busquei uma faca, rasguei a corda e o pano que prendia sua boca. Ela me olhou, ofegante. Beijou minha bochecha.

"Vamos acabar logo esse caralho", ela falou.

"Precisamos achar o controle do portão."

"Tava no bolso dele."

"Então vamos abrir o motor e fechar com a mão."

Nós dois corremos pro portão. Ananda foi até o motor, abriu e desconectou. Eu empurrei o portão até fechar. Depois ela conectou novamente e fechou.

"Acho melhor deixar desconectado", eu disse.

"Será?"

"Sim, e se Gustavo chegar e abrir?"

"Ué, mas se o portão não funcionar, ele sai do carro e abre com a

mão.”

“Não, né? Ele vai achar que está com problema no controle, e vai ficar buzinando pra Osvaldo vir abrir. Aí a gente vai saber que tem gente.”

“Tá”, Ananda disse e desconectou novamente o portão.

“Mas pera.”

“O quê?”

“O portão desconectado, qualquer pessoa pode abrir.”

“Maurício caralho, vamos acabar logo com isso.”

Ela fechou a porta do motor e saiu correndo. Fui atrás.

“O que a gente faz com o corpo?”, eu perguntei. Pela primeira vez, eu não sentia tanto pânico, por mais irônico que pareça.

“Enterramos?”

“Aqui?”

“Sim.”

“Mas e a piscina, cheia de sangue?”

“A gente precisa limpar tudo. Vamos tirar o corpo, e aí a gente joga cloro na piscina, vai limpar o sangue. Depois a gente joga um monte de folha nela, pra continuar muito suja.”

“Eu tiro ele daí?”, perguntei.

“Acho que sim.”

Nessa hora, o corpo boiava perto da borda, observando o céu. O rosto imóvel, admirando as nuvens. Eu peguei o cata-folhas e tentei empurrá-lo pra fora, mas ele se soltou e caiu na água, duro.

“Vou precisar da sua ajuda.”, eu disse. Ela revirou os olhos.

“Vai, você pega a parte de cima e eu os pés.”

Posicionei o cata-folhas na nuca dele, ela olhou pra mim e pro cata-folhas e respirou fundo. Pegou ele pelos pés, e tiramos o corpo da piscina. Ananda correu até o depósito sem falar nada, e voltou com a garrafa de cloro. Parecia que fazíamos aquilo todo dia. Ela olhou pro corpo, depois olhou pra mim, e disse: “pensei melhor!”

*

A partir desse momento, já não é mais possível recordar milimetricamente a sequência dos fatos. Tudo aconteceu em time lapse. Só sei que ela arrodeou a piscina despejando o cloro dentro. (Arrodear, pra quem não sabe, é andar ao redor). Um cheiro forte de veneno subiu da água, que começou quase instantaneamente a mudar

de cor. Depois, ela me explicou o plano e eu obedeci, sem pensar em nada. Só fui tomado, mais por ódio do que por pavor, e segui os passos.

Primeiro pegamos o corpo e levamos pra casinha dele, que ficava nos fundos do sítio. Enquanto o levávamos, a água suja de sangue pingava no gramado. Na casa, colocamos ele deitado na cama. Colocamos o revólver na cabeceira da cama, e pusemos sua carteira de cigarros, junto com o isqueiro, ao seu lado. Jogamos no chão, vizinho a cama, uma garrafa de cachaça que pegamos da geladeira. Por último, encharcamos o corpo e o quarto com álcool. Tiramos um cigarro da carteira, saímos da casa e fomos limpar o sítio.

Fizemos uma faxina que nunca vi antes. Primeiro pegamos um saco de folhas secas que tinham sido varridas e jogamos dentro da piscina, que tinha uma tonalidade ainda rosada do sangue, mas cada vez mais opaca. Jogamos desinfetante e sabão em pó no gramado e ligamos os irrigadores. Fomos dentro da casa grande e limpamos qualquer vestígio de que estivemos por lá. O lixo que usamos, retiramos com a mão e pusemos em outra sacola, pra continuar o mesmo que estava lá antes. Levamos as garrafas vazias de álcool e de cloro com a gente. Não tinha como Gustavo desconfiar da nossa presença, já que quem cuidava de tudo era Osvaldo. Pegamos com a mão os cabelos de Ananda no ralo do banheiro, mesmo que impressões digitais e cabelos da gente no sítio não levantassem qualquer suspeita, já que íamos lá sempre. Depois de limpar toda a casa e checar várias vezes, fomos lá fora e checamos várias vezes se ainda havia algum vestígio nosso. As câmeras, sabíamos que eram só um blefe de Gustavo. Elas transmitiam ao vivo no aplicativo, mas não arquivavam as imagens. Não havia perigo nenhum dele estar olhando, já que ele tem tanto dinheiro que se a casa fosse assaltada, ele só compraria outra, como fez uma vez com um carro do ano. Não havia vizinho que pudesse ter visto a gente, e qualquer que seja outra possível falha deixada pra trás, foi impossível ter sido tirada. Na hora, pensamos em cada impossível possibilidade.

Por último, Ananda ficou no carro e eu fui até a janela do quarto de Osvaldo. Acendi com um outro isqueiro aquele cigarro que pegamos da carteira e joguei pela janela, com a garrafa de cachaça caída como alvo.

O fogo se alastrou na hora. Pegou na cama, nas cortinas, dominou o corpo morto. Eu saí correndo, sentindo o cheiro de fumaça. Foi assim que ele morreu: bebeu demais, derrubou a garrafa de cachaça no chão e o cigarro caiu em cima. Desmaiou de bêbado e morreu queimado. Aqui no interior da Paraíba, que é interior do Nordeste, que é interior do Brasil, que é um país de terceiro mundo, é raro haver perícia que analise o caso. Só fazem enterrar e mandar a

rádio anunciar a missa de sétimo dia. Não tem como desconfiarem de nada. Um alcoólatra sozinho num sítio que vai ficar pegando fogo por dias até que alguém apareça? Causa provável, descartável. Ananda tirou o carro, eu saí e fechei o portão. Antes de fechar completamente, dei uma última olhada para o fim da história: tirando a fumaça que surgia no fundo, o sítio estava impecável.

9. O fim

*

Uma vez assisti um documentário sobre a vida pessoal da cartunista Laerte. Nele, enquanto ela falava sobre a decoração da sua casa, mencionou algo do tipo “eternamente inacabada”. O meu drama acabou exatamente assim: eternamente inacabado. Um final que vai durar pelo resto da minha vida. Como se eu tivesse levantado um

prédio, e soubesse que em algum ponto da base dele pode ou não haver uma falha, e a qualquer momento esse prédio pode ou não ruir.

Nós dirigimos de volta pro meu apartamento. O fogo destruiu minha cozinha, mas não chegou no restante. Por sorte o apartamento não explodiu com o botijão de gás. Os vizinhos nos receberam como celebridades. Perguntaram onde estávamos. Dissemos que tiramos a noite de sexta pra ficar num hotel desopilando, eles subentenderam que estávamos num motel, e não perguntaram mais nada. Dissemos que não atendemos as ligações por termos bebido. Eu fingi choque com o incêndio, mas disse aos vizinhos que minha mãe tinha avisado. Depois eles foram embora, e antes de avisar a minha mãe que voltamos pra casa, eu e Ananda almoçamos, sentados na mesa, aquelas quentinhas. Comi olhando pra caneca de chá de ontem. O frango estava uma delícia, mas o arroz tava muito cozido.

Eu não tive uma vida ruim, mas não fiz muita coisa marcante. Apesar de todo caos que aconteceu, acho que aproveitei bem os anos que antecederam toda essa tragédia. Não que eu tenha tido uma vida de aventuras e loucuras, pelo contrário. Tive uma vida bem reclusa e entediante. Mas tem gente que viveu pra aproveitar o tédio. Eu sou uma dessas pessoas.

Nasci em Sousa e vivi aqui a vida inteira. Só saí da cidade duas vezes, quando passei um carnaval em Recife com meus pais, e quando passei um ano novo em João Pessoa com meus amigos. Meus pais se chamam Gilberto e Jussara, e eu sempre achei a coisa mais linda do mundo o fato dos nomes deles combinarem. Meu pai é dono de um mercadinho e minha mãe trabalha com ele. Ele cuida do caixa e ela mantém tudo organizado. Tenho uma irmã que se chama Marcela. Ela é oito anos mais nova do que eu, e a gente sempre se deu bem. Acredito que a diferença entre as idades faz a gente ter uma distância legal um do outro, a ponto de não disputar nada.

Passei boa parte da minha vida no computador, fazendo o tempo passar. Não por falta de amigos ou namorada, mas por preferir ficar por lá mesmo. Foi lá que aprendi, quando era adolescente, a falsificar dinheiro. Por ser preguiçoso, admito, dediquei minha vida inteira a ter um trabalho que me permitisse não fazer nada. O sonho da minha vida sempre foi esse: passar o dia à toa. Jogando e dormindo. Por isso passei anos trabalhando nesse plano. Tenho uma mini força tarefa: aprendi como fazer, comprei os equipamentos e deixo na casa dos meus amigos, o “escritório” da gente. Eu me encarrego de imprimir e aperfeiçoar as notas, depois, Reginaldo e Douglas saem na rua, e vão comprando coisas que custam no máximo dois reais usando notas de dez, no máximo cinco reais usando notas de vinte, no máximo dez reais usando notas de cinquenta, e no máximo vinte reais usando notas de cem. Eu não gosto de usar notas altas.

Geralmente só imprimo notas de dez e vinte, pra levantar pouca suspeita. Como a cidade é pequena, seria estranho sempre duas pessoas saírem comprando pequenas coisas em várias lojas. Uma hora as pessoas iriam comentar. Então nós trabalhamos por trimestre. Imprimimos o dinheiro e passamos três meses trocando, aos poucos. Indo em estabelecimentos aleatórios todo dia. Sempre em estabelecimentos pequenos e lotados, e nunca vamos no mesmo lugar dentro do intervalo de três meses. Também não fazemos na mesma cidade. Irregularmente os meninos viajam de carro pras cidades vizinhas, e fazem uma rota por lá. Nós combinamos na falta de ambição. Não queremos ficar ricos nem deixar ninguém pobre. Nenhum comerciante fica pobre por receber uma nota falsa de vinte reais a cada três meses. Eu só quero dinheiro o suficiente pra pagar minhas contas sem depender de ninguém, e os meninos juntam dinheiro pra abrir uma loja de tecnologia um dia. Tipo notebooks, celulares, fones, essas coisas. Nosso plano vem dando certo, e espero que continue dando até que eu me canse.

Enfim, agora só o que me resta é viver meus dias preparado para o acaso, mas evitando ao máximo lembrar dele. O acaso, quando lembrado, é altamente corrosivo. A minha mente hoje em dia é tranquila sobre o que aconteceu. No momento que Osvaldo fez o que fez com Ananda, toda a minha insegurança sobre o caso desapareceu e se tornou ódio. Se o irmão dele não tivesse me assaltado, eu não teria o empurrado. Se Osvaldo não tivesse acelerado, não teria matado o irmão, se não tivesse tentado matar Ananda, eu não teria matado dele. Eu me considero passivo sobre tudo o que aconteceu. Minha única atitude consciente foi a de atirar no homem que não matou a mulher da minha vida por acaso do destino. O incêndio, foi como previ. Não suspeitaram de nada. O fogo se alastrou, saiu da casa dele e pegou em algumas árvores. Disso sinto um pouco de remorso. Gustavo não tem culpa sobre nada disso, e acabou perdendo dinheiro. O corpo de Osvaldo ficou carbonizado, as fotos vazaram na internet, uma coisa horrível de se ver.

E sobre Ananda? Ah, Ananda é minha sorte. Depois desse final de semana, decidimos morar juntos. Eu paguei a reforma do apartamento antigo, e nos mudamos para uma casa. Hoje faz dois anos desde que tudo aconteceu, e nós vivemos bem. No último trimestre, batemos a meta de notas trocadas em dois meses. Mês que vem iremos tirar férias na Bahia.

sobre o autor:

Comecei a escrever como quem se apaixona: de repente e sem querem. Explico: como qualquer adolescente que se preze, fazia umas músicas pra mostrar pros amigos. Nessa onda, uma amiga, Danielly, me chamou pra colocar nossas letras numas folhas de ofício e sair colando por aí. Topei. Nos encontramos lá em casa, aprendemos a fazer cola pelo Youtube, subimos na Biz daminha mãe e saímos no calor do sertão da Paraíba se sujando de poesia. Colando nossos versos nos postes por aí. Criamos uma página no Instagram pra divulgar fotos do projeto, e eu nunca mais fui o mesmo. Comecei a escrever só pra colar na cidade e publicar no Instagram, passei a ler mais só pra aprender a escrever melhor, e fui seguindo minha vida, embora a mesma, agora nova. Isso tudo em 2016. Comecei a juntar dinheiro vendendo na rua e na internet uns livretinhos com meus poemas, e em 2018, com 19 anos, peguei o notebook velho do meu irmão e fiz a correção, a diagramação e a capa, e lancei o meu primeiro livro, numa tiragem de 100 cópias. Criei uma loja virtual, vendi os livros, mandei pelos Correios, e em 2019 lancei mais dois. E em 2020 mais outro. E foi a sim, nessa indecisão entre solidão e independência, que me tornei cada vez mais eu mesmo.